

# REVISTA MENSAL

DA

**SOCIEDADE**

**PARTHENON LITTERARIO**

---

**2ª SÉRIE**

**2. ANNO — MAIO DE 1873 — N.º 5**

---

**PORTO ALEGRE**

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

REVISTA MENA

AT

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

ESTADOS UNIDOS

ESTADOS UNIDOS - MAYO DE 1872 - No. 2

PORTO ALICHA

THE FABRIC CO. - CONSTITUTIONAL

1872





Edi. Imp. E. Wiedemann.

G. Rumpel.

Feliciano José Ruiz, Leão

1.º Bispo do Rio Grande do Sul.

# ESBOÇO BIOGRAPHICO

## PADE FELICIANO JOSÉ RODRIGUES PRATES

(PRIMEIRO BISPO D'ESTA DIOCESE)

E'-nos agradavel a tarefa de fazer o esboço de uma vida honrada e cheia de exemplos elevados e nobres, em que a mocidade de hoje aprenda a não desvanecer-se pelos successos inexperados e pelas justas recompensas de solidos merecimentos, e a não gastar seus dias em actos que não sejam de utilidade reconhecida em favor da humanidade, das familias necessitadas, dos que soffrem.

E' da vida do padre Feliciano J. Rodrigues Prates, que vamos tratar; e como foi elle o primeiro bispo d'esta diocese, diremos algumas palavras sobre o cargo que lhe andou sobre os hombros nos derradeiros dias da vida, que tão pesado lhe foi e para o qual lamentava não ter a força necessaria.

O *episcopato* é admittido como uma ordem, ou antes o complemento de ordem, que se tem considerado estar no presbiterato todo inteiro. Os que sustentão que elle é ordem ou complemento de ordem dizem, e d'estes é o theologo Prospero d'Aquila no seu *Diccionario*:

1.<sup>o</sup> que o episcopato foi instituido por Jesus Christo estabele-

cendo os bispos nas igrejas para as reger e ali pregar, e cita as palavras de S. Paulo (Acto 20) « *Spiritus Sanctus posuit episcopos regere ecclesiam Dei* »; e que na sua instituição existe os caracteres d'um sacramento, o signal sensível, materia e fôrma, que são a imposição das mãos dos bispos, as preces ou a invocação do espirito santo (*Accipe Spiritum Sanctum*) e o seu effeito que é a graça ou os dons do Santo Espirito.

2º que a consagração episcopal dá a plenitude do sacerdocio, em lugar que o poder que tem os sacerdotes é limitado e não o podem communicar aos outros.

3º que os bispos na sua ordenação recebem dois poderes, o da ordem e o da jurisdicção; que por aquelle é que este se communica aos ministros inferiores; e que a jurisdicção é de direito divino e que a não recebem do Papa, mas sim de Jesus Christo que os estabeleceu nas igrejas para que as governem. A primasia do bispo de Roma sobre os outros tem sido contestada, e em seu favor citão aquellas palavras de Jesus Christo — *Tu es Petrus et super banc petram edificabo ecclesiam Dei* — dando o bispo de Roma como successor de S. Pedro, Apostolo.

4º que os bispos, successores dos Apostolos, são superiores dos sacerdotes, e que ordenão estes e fazem funcções que elles não podem fazer como *judgar, interpretar, ordenar, consagrar e confirmar*. S. Paulo diz a Tito! *Hujus rei gratia reliqui te Crete, ut ea, que e desunt corrigas et constituas per civitates Presbiteros, sicut et ego disposui tibi* (I. ad Tit. c. 1.) E o 4º concilio cartaginez, a que assistio Santo Agostinho, recommenda aos bispos que passem o seu tempo no estudo, na oração e na *pregação da palavra de Deus*, o que não podião fazer sem licença d'aquelles os *presbiteros* — *Hoc est praeceptum episcoporum munus* (Concil. trident. sess. 5 c. 2)•

Aerio sustentou que entre bispos e sacerdotes não havia differença alguma, e por isso foi posto no cathalogo dos hereges.

Desde então os concilios têm procurado estabelecer a differença, marcando as funcções episcopaes e affirmando — que a autoridade dos bispos estava estabelecida desde os primeiros seculos da igreja, e que só elles podião administrar o baptismo, o sacramento da penitencia e pregar ao Evangelho, e que os sacerdotes e diaconos não o podião fazer sem a sua permissão (Conc. Illybritano, can. 32; conc. 3 carthag., can. 32).

Ha grande differença, dizem, entre o episcopato e o sacerdocio, a qual consiste em que nos bispos se acha um poder de ordem e de jurisdicção, que se não encontra nos simples sacerdotes, porquanto só os bispos podem ordenar sacerdotes, conferir o sacramento da confirmação, fazer o santo chrisma e a consagração das igrejas, altares e vasos sagrados; e a respeito de jurisdicção

só elles têm o *direito* de excommungar, conceder indulgencias, e approvar os confessores.

Cousa é muito recommendada, para a boa disciplina ecclesiastica, em todos os tempos, a eleição dos bispos. Por qualquer modo que ella seja feita, nenhum será elevado, diz o concilio de Trento, ao govarno das igrejas cathedraes, que não tenha nascido de legitimo matrimonio, e que não seja de *madura idade, grave, de bons costumes e sabio em letras*, segundo a constituição de Alexandre III, que principia: — *Cum in cunctis*, publicada no concilio Lateranense.

Pelo direito de apresentação pertence ao poder moderador a nomeação dos bispos no Brazil, e é constante que fôra primeiro lembrado para bispo d'esta diocese, recentemente creada, o então vigario geral padre Thomé, exemplo vivo de mansidão, de caridade e de vida casta, para o qual involuntariamente se voltavão todos os olhos — mas é constante tambem que os vâldos do imperador quizerão fazer valer seus merecimentos, lisongeando uma familia distincta da provincia, e tirarão do seu retiro da parochia da Encruzilhada, o vigario modesto, mas notavel pela bondade e caridade pratica, o padre Feliciano Prates, que vivia do trabalho agricola e da caridade do rebanho que-lhe fôra confiado, repartindo com os pobres da freguezia o producto de suas lavras e a propria congrua.

Se se perpetuasse o saudavel costume e justo de eleger o proprio povo o seu bispo, é quasi certo que seria eleito o padre Thomé Luiz de Souza, o homem virtuoso, o padre casto que edificava o rebanho pelo proprio exemplo e não pela palavra mentida, mas não é menos verdade que a prohibidade, o desinteresse e o desprezo das cousas mundanas subirão ao solio episcopal na pessoa do eleito então, sem deixar de adornar o querido do povo, aquelle que tinha ainda de mais um esmalte bem raro na contingencia da humanidade — a castidade.

Empunhando o baculo o padre Feliciano J. Rodrigues Prates, honrou a virtude, e quando os vis aduladores, que os ha nos degrãos da hierarchia da igreja, como nos dos thronos levantados pelos erros dos povos, o impedião de ir a pé e sem sequito aos lugares publicos, nas trevas da noite sahia e ia visitar os seus affeiçãoados e amigos. Qual frei Bartholomeu dos martyres sentia as dôres que trazem a vaidade das posições terrenas, e voltava a alma para o céu quando lhe doião os espinhos das preoccupações.

Sacerdote devotado, foi bispo grave, de maduro juizo e de um senso tão justo e de tão louvavel bondade de coração que podia dizer-se que Deus o escolhiêra para modello dos bons bispos, e alivio e conforto de todo um povo.

Foi a este digno padre que coube a tarefa de subir pela vez

primeira á cathedra episcopal rio-grandense, e de fundar esta diocese. Com paternal solícitude recommendou na sua primeira pastoral o amor e a caridade da igreja para com os seus filhos e orou humilde pelos dissidentes, instituindo preces pelos que andavam dispersos da Casa do Pai commun. Foi desvellado pela instrucção do clero, e todos virão na propria residencia creado o seminario de S. Feliciano. Honrou tanto seu mestre, o padre Thomé, como honraria o sacerdote que se lhe assemelhasse em virtudes, n'aquella suprema mansidão e castidade.

Feliciano José Rodrigues Prates nasceu n'esta provincia na freguezia de Nossa Senhora dos Anjos d'Aldêa, em 17 de Julho de 1781.

Forão seus pais, lavradores, e ainda que distinctos entre os seus iguaes pela honradez e bom senso, e vivendo abastados, não tinham posição que os considerasse nem aspirações para as grandezas da terra, apenas ambicionando dirigir seus filhos ao serviço de Deus e do rei, como bons christãos e fieis vassallos: erão elles João Nepomuceno de Carvalho e Maria Leocadia da Costa Prates.

Refere-se que era Felício o seu nome de baptismo, e que lh'o fôra mudado ao chrisma por Feliciano, depois do fallecimento de um irmão mais velho que trazia este nome.

Aprendeu as primeiras letras e passou ao latim na recente povoação do *Porto dos Casaes*, creada pelo governador Sepulveda (José Marcellino de Figueiredo) e a que deu o nome de Porto Alegre, sendo seu mestre o padre Thomé Luiz de Souza, que ensinava particularmente a muitos moços.

Feliciano teve no futuro muitas vezes occasião de citar com veneração e respeitoso amor, o nome do seu mestre, tal era o seu profundo sentimento pela virtude, seu respeito pela caridade e castidade d'aquelle tão venerando ministro do altar dos christãos.

Foi no seminario de *Nossa Senhora da Lapa*, no Rio de Janeiro, que Feliciano fez os seus estudos de historia sagrada e ecclesiastica, theologia dogmatica e moral e instituições canonicas, conseguindo os seus exames com applauso de seus condiscipulos

<sup>1</sup> O territorio que é hoje provincia de S. Pedró do Rio Grande do Sul fôz ra então elevado á «governo» igual ao de Santa Catharina, por patente do rei José I, em data de 9 de Setembro de 1760, e era seu 1.º governador o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, que havia tomado posse d'elle em 14 de Abril de 1760.



que o estimavão por seu genio bondoso, sua obediencia, e applicação ás disciplinas que ali se ensinavão. Aos vinte tres annos de idade (25 de Julho de 1804) recebeu a ordem do presbiterato, e foi frei Joaquim de Santa Maria, bispo de Angola, que sobre elle impoz as mãos e invocou a graça do Divino Espirito.

Apenas ordenado voltou ao solo da Patria, e aqui servio o modesto cargo de capellão-militar nos corpos de cavallaria da provincia, homologando sua alma energica e cheia de bondade com a vida vária e aventureira dos acampamentos; ministro de Deus e soldado ao mesmo tempo, casava a autoridade da religião com o espirito de fraternidade, de franqueza e de sincera convivencia do homem arregimentado, vivendo em commum nos desertos fronteiriços, n'uma guerra de recursos que não cessava nunca, e em que a disciplina não o aborrecia, antes creava em seu coração os amigos sinceros que o forão, ainda nos seus dias de velhice. Os bravos do regimento de Lunarejos, os legendarios dragões do Rio Pardo, ainda não ha muito se recordavão com amor do seu dedicado e bondadoso capellão, que por entre as guerrilhas com os *patrias*, soccorria com os consolos da religião, com a palavra de Deus os feridos moribundos que perecião entre os fêvidos e repetidos combates. Era bom de notar-se a simplicidade de sua alma entre os militares que acompanhava, e ao mesmo tempo a unção e recolhimento de espirito que mostrava quando exercia entre elles a sua sagrada missão — a virtude que o dirigia em toda a sua vida o tornava sempre respeitado ainda pelos mais livres e incredulos — homem ou padre attrahia de todos a estima e a amizade.

Cansado da guerra, seu corpo pedia repouso, mas a missão que tinha de cumprir o chamava ainda ao exercicio de seu ministerio; filho de lavradores queria no retiro parochiar um rebanho composto dos homens simples e bons do campo, por isso procurou uma modesta parochia ou capella rural; derão-lhe o curato da *Encruzilhada*, nos serros frios onde abunda o marmore, n'esses petreos serros e campos elevados que a neve cobre nos invernos frios, produzindo louras e abundantes seáras; foi ali que o padre cura Feliciano começou a rotear a terra com o arado para dar aos seus filhos em Jesus Christo o pão, nos dias de pobreza, emquanto outros lh'o arrancão com sordida e desvairada ambição. Elle empunhava a estola nas calejadas mãos que o trabalho honrava e enchia para repartir com os que necessitavão, sem precisar viver do *pé do altar* vendendo os sacramentos, a graça com que Deus completa e satisfaz os nossos desejos puros de reconhecimento e de amor.

Era sabido — o padre Feliciano tinha-se feito lavrador, e arava a terra e preparava a seára, para colher o trigo que dava á po-

breza do seu curato, depois parochia, e da parochia visinha. Tinha-se espalhado por toda a provincia, e era proverbial a sua caridade, a bondade de seu coração.

Quando o padre vigario Feliciano ia levar o viatico, muitas leguas além da sua residencia, á choupana do pobre *heroateiro* ou *agregado de estancia* já moribundo, e orava por elle aos pés do crucificado, o pobre doente via no enviado de Deus o que lhe havia muitas vezes quasi providencialmente apagado a fome com o pão cultivado por suas mãos. E' claro que ali levava a convicção e o perfeito consolo na hora extrema.

Qual de seu rebanho o podia reprehender um vicio, um escandalo de vida? Verdadeiro sacerdote do SENHOR, tinha a existencia do sacrificio, e ensinava com pureza a religião do amor e da caridade, repartindo seus dias entre o ensino e o trabalho, para preparar o coração e enxugar as lagrimas dos que soffrião.

Dizem que ao vê-lo em Rio Pardo, em Janeiro de 1846, precedido da fama que tinha em todo o municipio, D. Pedro II se decidira á encarregal-o da mitra da diocese que se ia estabelecer na provincia, e que rejeitava com obstinação o padre Thomé Luiz de Souza. Outros affirmão que fôra esta nomeação devida á empenhos de um válido do imperador, que queria lisongear os eleitores de S. Gabriel, influenciados pelo capitão Fidelis Prates

O que é certo é que foi uma surpresa e um pesado sacrificio que lhe minou a existencia, abreviando-lhe o termo da vida, essa nomeação que d'elle fizerão para o episcopato. Seu espirito satisfeito de si, e arredado das grandezas e vaidades do mundo, não podia aspirar ao supremo mando da igreja do seu paiz: para elle esse cargo não passava de uma cruz e de um martyrio, que com effeito para elle o foi.

O aviso do ministerio da justiça que acompanhou o decreto de 5 de Maio de 1851, nomeando-o bispo d'esta diocese, erecta pela bulla *ad oves dominicas recti pascendus* de Pio IX de 7 de Maio de 1848, e creado pela lei n. 457 de 27 de Agosto de 1847, foi despertal-o no seu pacifico e feliz retiro da villa da Encruzilhada e constituiu-o *episcopus ad regere ecclesiam Dei*, tal é o direito de apresentação que está annexo ao do padroado. A sua apresentação foi feita por carta imperial de 10 de Abril de 1852, e aceita em consistorio secreto de 27 de Setembro do mesmo anno, sendo expedidas as bullas de confirmação com data de 20 do dito mez e anno.

Foi em Abril de 1853 que deixou sua parochia e os seus freguezes com quem viveu largos annos, sentindo cahir sobre seu coração as lagrimas por elles derramadas, para ir ao Rio receber a sagração, que teve lugar no mosteiro de S. Bento, em 20 de Maio do mesmo anno, pelo bispo d'aquella diocese conde de Irajá.

Fez sua entrada n'esta capital e cidade então já episcopal, com as solemnidades do estylo, em 20 de Junho de 1853. Ao desembarcar encontrou-se com o clero que ia recebê-lo e sobre o pavimento do trapiche da alfandega deu-se a mais tocante scenia que se pôde imaginar, e cujo quadro desejavamos vêr descripto por habil pincel: — Feliciano e Thomé, o bispo e o padre, o discipulo e o mestre, ajoelhados um ante o outro disputando qual seria o mais humilde.

O povo ainda não conhecia a avidez de dinheiro, as garras ferreas da mitra que *quer as grandezas mundanas*, só sabia do que havia de simples nos padres christãos, e achou natural a humildade do sacerdote superior da nova igreja, e por isso acolhido com aclamações vio subir ao solio episcopal o seu primeiro bispo.

Tudo quanto havia de caridade, de bondade e de simplicidade no parochio do curato rural da *Encruzilhada*, reproduzio-se no bispo da diocese: era o mesmo sacerdote, sómente mais atarefado n'um encargo difficil e arduo.

A missão incumbia-o de visitar o bispado, e elle o fez derramando entre os pobres, ou cedendo para construcção dos templos dos proprios lugares, todas as esmolas recebidas por occasião do chrisma.

O empenho em que pôz todo o esforço foi a creação do seminario, que realisou na propria residencia, educando e instruindo os novos sacerdotes.

Não hezitou em interessar-se pela organização do cabido e preenchimento das prebendas e beneficos.

Pobre de conhecimentos, e cansado de annos, como elle se dizia, mostrou uma actividade que condizia com a sua caridade, com a força que dá o conhecimento do dever. Sómente o acabrunhavam as etiquetas, as preoccupações, a vida sedentaria e reclusa a que o obrigavam, que lhe fez soffrer os primeiros symptomas da hydropesia, cujo tratamento abreviou seus dias com pezar de todos.

Sua morte teve lugar em 27 de Maio de 1858, tendo 77 annos de idade e quasi 5 de episcopado.

Morreu pobre!

DR. VALLE CALDRE E FIÃO.

Porto Alegre — 1873.

# GIOVANNI

PAR

M. A. M. de S.

Giovanni já não era o mesmo.  
Triste e silencioso vivia agora.

De manhã sahia com a rabeça ao braço e ia aos hotéis junto ás mezas, ao lado do bilhar ganhar o pão amargo do exilio.

Quantas vezes as lagrimas de seus olhos não, cahião sobre a moeda, antes d'ella chegar ao bolso?

Quantas amarguras não tragou sua alma n'este tão infeliz meio de vida, n'esta vida errante.

Só elle o sabe.

Uma noite elle estava no saguão do theatro. Havia espectáculo e a concorrência já affluia áquelle ponto de passatempo.

Giovanni encostára-se a uma columna para vêr se passava aquella imagem divina, que um dia surgira radiante de belleza e aureolada de luz no seu céu escuro da desgraça.

A orchestra derramou as suas harmonias pelos espaços, e a multidão pouco a pouco foi abandonando o saguão.

● pobre sonhador perdera toda a esperança de vê-la n'aquella noite, e a sua frente pallida emergera-se n'um oceano de scismas.

De repente o rugo-rugo de um vestido de seda levantou a cabeça scismadora, e a seu lado passa de frente activa entre um aluvio de fragancias, sem um só olhar lançar sobre o misero, que vivia com a sua imagem peregrina gravada no mais fundo d'alma.

— Leonor, toma o teu lenço, disse um velho que a seguia, ao lado de uma matrona, cuja fronte exprimia a realza de uma belleza em decadencia.

Leonor! Leonor! repetio baixinho esse coração que n'um só momento depozera aos pés d'aquelle anjo seu amor, sua vida inteira.

Ah! Pobre Giovanni! Pobre Giovanni, tu tens a cabeça desvairada. Estás louco!...

Tu não sabes que entre tu e ella levanta-se uma barreira inaccessible? Tu, pobre e expatriado não ouzes levantar os teus olhos para contemplar aquella mulher? Um seu olhar de desdem, um sorriso seu, de desprezo esmagaria eternamente teu amor proprio, tua alma, creança louca!

Suspende... tens um abysmo a teus pés, fundo e tenebroso... não olhes para elle... a tua desgraça será certa.

Contempla Leonor como uma d'essas madonas que Paulo Veronese enriqueceu a tua patria, seja ella para ti uma tela animada pelo vivo colorido de inspirada mão; mas nunca um corpo humano onde palpita um coração cheio de amor e vida.

Não a ames desvairado... abafa em teu peito essa chamma que já te devora. Se a deixares propagar, ai! de ti, cavaste a tua sepultura.

Volta á outras plagas, deixa este céu que se espelha no Guahya, e vai em busca de outro clima, da primavera, andorinha açoutada pelas ventanias da desventura.

Eil-o ainda ali, seus olhos estão gravados na escadaria por onde ha pouco passou Leonor, perfulgente de belleza entre as pompas da riqueza.

Um sorriso banha os labios do aventureiro e a sua mão tira da algibeira toda a fortuna que possui.

Era o pão para o dia d'amanhã.

Pouco importou-se, lembrou-se d'ella sómente, e eil-o no meio da multidão da platéa.

Seus olhos estavam fixos no camarote de Leonor, que isoladamente talvez não o visse, quanto mais confundido n'aquelle multidão immensa e compacta.

Pobre louco! Pedu a Deus que ella não saiba do amor que lhe votas... Elle seria retribuido com uma gargalhada de desprezo ou com o leque de sandalo partido nas maçãs de teu rosto, onde o infortunio desbotou cedo o esmalte da mocidade.

O espectáculo terminou. Giovanni espera Leonor e a segue como uma sombra, até o tecto onde se aninha aquella anjo de Deus.

A noite é esplendida.

Na diaphaneidade do firmamento nenhuma nuvem branca se

balança ao manso soprar da viração recendente dos perfumes dos laranjaes em flôr.

Pelas ruas ninguem mais transita. Tudo é silencio.

De chôfre uma voz unida aos accordes de uma rabeça semeia os ares de harmonias. E! Giovanni á porta de Leonor. O sentir de sua alma elle derrama nas suaves vibrações de seu canto.

Uma janella de cima abre-se, e ella assoma á sacada toda de branco, como uma appareição divina, soltos os cabellos longos e annellados á viração balsamica da noite.

Quando a voz emmudeceu e os echos finaes do instrumento forão expirar, além da sacada desprendeu-se uma moeda de prata aos pés do trovador.

Elle a deixou no lagedo e retirou-se com o coração fundamentalmente magoado.

A noite ia bella. Giovanni um quarto de hora depois sentára-se sobre a ponte do Riachinho. Seu olhar triste perdia-se no vago da immensidade, e algumas perolas de pranto banharão as faces do infeliz exilado.

Giovanni lembrava-se de Veneza.

O tom melancolico do luar projectava sobre o espelho luzente do Guahyba, o rumorejo dos ramos dos salgueiros, ao longe cruzavão a bahia; a cantar passava o canocero, como a gondola oscillante que resvala sobre as aguas do Adriatico, a ponte em que elle estava recordando o Rialto tão amigo da sua infancia; tudo isto, e ao longe ainda a canção suspirosa da serenata, lembrava ao pobre expatriado a patria abandonada.

Chora, Giovanni, chora, e manda nas azas da viração que agita os teus cabellos, um suspiro, um adeus do mais fundo de tua alma á terra onde viste a luz.

Que importa que ella te dêsse a tunica de Nessus da miseria!

Veneza é sempre a tua mãe.

—

—

—

Giovanni vivia agora mais que nunca triste e abatido.

Havia n'aquella alma sonhadora uma dôr immensa e incomprehensivel.

Seu espirito n'um momento subia ás alturas infinitas, elevado nas doiradas azas das chiméras; mas rapido lá de cima decahia mergulhando-se n'um oceano de negras realidades.

Poeta, vio passar um dia junto de si o ideal de seus sonhos febris, e o amou com todo o estremecimento de que é capaz um

coração puro, ardente de affeições e sem nenhum élo sequer que o prendesse á vida.

Antes não fôra assim.

Se uma outra affeição o vinculasse ao mundo, se o seu coração já houvesse amado, mais facil seria esquecer aquella mulher, que á noite, no seu leito perfumoso nem se lembrava do louco cantor que vinha ás dez horas á sua porta, na modesta serenata dar expansão á alma immensamente apaixonada.

Nos sonhos de Leonor, em suas seismas languorosas não veio povoal-os um só instante se quer a imagem triste e soffredora do pobre Giovanni.

E se algum dia em sua imaginação se librasse semelhante idéa, se um olhar d'elle incendiado de paixão trahisse o vulcão que lhe devorava alma, ai! do pobre expatriado, talvez ante o insulto, ante a gargalhada de desprezo calhasse fulminado como Nicanor aos pés de Lilia.

Era um louco, Giovanni.

Uma noite elle seguia pela rua da Igreja. O luar estava esplendido e a viração calma. De vez em quando automaticamente roçava o arco sobre as cordas do instrumento, tendo a imagem scintillante de Leonor á luz dos olhos d'alma.

Ao approximar-se da praça de Palacio sua fronte pallida ergueu-se aos sons alegres de uma orchestra.

A igreja estava illuminada. Era alguma festa que se celebrava e por isso Giovanni apressou-se para lá chegar.

Era um casamento que se effectuava. Este acto o impressionou e o entristeceu tanto que de seus olhos desprenderão-se lagrimas brilhantes aos pallidos rútilos do luar.

Giovanni não quiz assistil-o, postou-se á porta para ouvir os sons da musica que se diffundião na vastidão do templo.

E tinha razão para ali não entrar. Amava delirante, como Tasso á pallida Beatriz, mas o seu amor como o do poeta seria eternamente infeliz.

O seu leito de nupcias seria a campa mortuaria e a noiva — a morte.

A orchestra emmudeceu. A multidão curiosa, que fôra ao templo, deu passagem ao par cheio de esperanças, aquellas almas felizes ha pouco unidas para sempre ante as aras sagradas. A multidão seguiu-os.

Quando o luar bateu na face dos noivos um grito de desespero irrompeu os ares e as cordas de um instrumento estalarão ao impulso violento de uma mão convulsa.

Giovanni tinha enlouquecido.

N'aquelle momento Leonor descia a escadaria cingida a fronte de flôres de laranja e do alto de seu pedestal de venturas

nem ouvira a voz magoada e horrivel do coração que rallava-se de tormentos.

O rodar do rico coupé que a conduzia, abafou os ultimos gemidos do infortunado moço.

## EPILOGO

São decorridos tres mezes.

Ninguem mais vira á luz meridiana a fronte desmaiada e melancolica do infeliz Giovanni.

Foge da luz como da convivencia dos homens. Não falla com ninguem. Seus labios só se abrem para cantar. A rabeça ainda o acompanha. E' o seu unico amor agora.

A's horas em que ia cantar á porta de Leonor, ainda ali se vê alta noite, o pobre trovador, embora chova a cantaros e rasgue o crepe do céu listrões de fogo.

E elle mesmo assim ama aquella imagem, que o tornára mais desgraçado ainda.

Ao silencio da noite elle confia as suas amarguras e com os olhos orvalhados de prantos canta esses versos que aprendera sob o céu de sua patria, com a voz triste e unguida de magoas:

Se ceren, so dice

L'amico, dov'è?

L'amico infelice,

Respondi, mori

MANFREDO.

Porto Alegre — 1873.



## FABIO A FABRICIO

Salve, Fabricio.

Não ha muito entraste no comicio, e tens de dar o teu voto acerca da *res publica*. E' melindrosa a tua posição; ainda novel e rodeado dos interessados prejuizos dos que querem impôr pelo *governo*, suppondo hereditarios os cargos de delegado da soberania nacional, suppondo permanentes as delegações, vais achar te em mais de um embaraço, e eu quero aplanar-te o caminho, illustrar o teu espirito para que sejas um optimo cidadão.

A liberdade de um povo está no comicio, na discussão ampla e razoavel dos interesses communs por todos os membros d'elle, que devem ser todos os que tenham de 21 annos para cima. Entraste n'este numero e trabalhando pelo bem commum, vais trabalhar pela liberdade.

O comicio incumbe-se da *res publica*; e assim como nenhum cidadão na familia deve dar ao estranho ou visinho a tarefa de dirigir os seus proprios negocios, assim elle só deve gerir tudo que lhe pertence. A delegação é um erro, póde mesmo na ordem moral ser considerada um crime, porque é dar a outrem a obrigação propria, abstando-se do cumprimento do dever.

Tu, Fabricio, do teu banco de cidadão, combaterás toda a delegação, e provocarás a discussão dos interesses communs, para que sobre elles pronunciem os mais illustrados e experimentados membros da tua curia. Examina com cuidado a opinião dos pro-

bos e sinceros, e despreza as argucias e fanfarrônicas dos desonestos e especuladores. Só a probidade tem o direito de fazer-se ouvir, porque o probo é o verdadeiro interessado no progresso e no bem estar de todos, e é só esse que é o patriota.

Tu sabes o que é o egoista na familia, pois é a imagem do especulador na sociedade — contra a sua voz esteja sempre prevenido o teu juizo.

Mas tu queres antes de tudo conhecer o que é um comicio e o que importa a sua economia, ou a economia politica, e eu vou satisfazer o teu desejo.

O comicio é a reunião de todos os cidadãos ou homens que habitão uma certa circumscripção territorial, e cujos interesses podem reputar-se communs. Chama-se entre nós, municipio.

O comicio é um corpo legislador e administrativo. Legisla quando prescreve as regras sociaes, a fórma porque o cidadão tem de cumprir o seu dever em relação aos outros, quer no goso e respeito mutuo da propriedade, quer na contribuição directa para as despezas communs (estradas, calçadas, pontes e edificios para o *forum* e *escolas* primarias e profissionaes); legisla, prescrevendo o ensino e *algumas vezes* o culto; e legisla, enfim, dando toda a liberdade á actividade de seus cidadãos e por isso animando as industrias agricolas, artisticas e manufactureiras. *Os nossos municipios arremedão o comicio com o seu código de posturas.* Administra applicando a *lei* (a norma escripta), arrecadando a contribuição, e fazendo as obras precisas e que forão julgadas necessarias pelo conselho popular ou reunião dos cidadãos, e cuidando da polleia do seu territorio.

Tem sido habito da humanidade formar de muitos comicios uma *provincia*, e de muitas d'estas uma *nação*; é cousa para discutir-se a conveniencia que ha em formar *nações*, quasi sempre isoladas por costumes e linguagens diversas e um antagonismo constante, o que importa a tendéncia para a mutua e reciproca destruição, como se não fossem todas compostas da sociedade de homens, ligados pelos mesmos deveres e pelas mesmas necessidades.

Não vejo, fabricio, necessidade do estabelecer um *governo geral*, que se chama *provincia* ou *nação* para representar os comicios no que se chama o *exterior*, porque para mim não ha essa idéa onde existe a humanidade, sujeita como ella é á uma só norma de direito.

O homem tem em si o sentimento de sua propria conservação e a razão sufficiente da propagação de sua especie, d'onde decorre o principio da sociabilidade. A reunião da familia, a primeira sociedade está em toda a parte, e a congregação das familias pa-

ra constituir o comicio não é diversa em parte alguma, na Lapônia como na Terra do Fogo.

Cada comicio vivendo por si satisfaz as condições de sociabilidade e não pode gerar o antagonismo entre os diversos povos da terra.

Todas as fórmulas de governo são viciosas, porque todo o *governo* é impossível, e a chamada *ordem* não passa de uma cadeia dourada com que os ambiciosos ou estultos seduzem os povos para roubar-lhes a liberdade que está só no comicio.

A não existencia do comicio, o governo, essa delegação que se traduz por *poder*, que tem tido diversos nomes segundo a origem que lhe attribuem, é só causa d'esses duelos sanguinosos entre os povos, em que se lançam vertiginosos n'uma luta de morte e destruição mutua.

Dize-me, Fabricio, o que significaria uma guerra para um comicio: era a destruição immediata da propriedade, a perda do socego e do trabalho, a perturbação da vida social e domestica, e a morte, enfim, para todos. Pergunto: — irias ao conselho votar pela tua propria destruição, carregarias com a responsabilidade da morte do que tens de mais amado sobre a terra, de teus pais ou filhos, parentes e teus concidadãos?

A guerra seria impossível, e ninguém ousaria escrevel-a no código dos povos.

Mas urge o tempo e tu precisas saber quaes são as regras economicas que devem dirigir um comicio.

Assentado nos bancos d'elle, em pleno conselho, vem á mesa a exposição da producção, e trata-se de impôr sobre as profissões e cidadãos activos e sobre o valor das propriedades, afim de satisfazer a despeza commum.

Viste logo levantar-se um ancião e pedir que em vez da nota da producção, seja apresentada uma estatistica de todos os productores da circumscripção e descripção de todas as propriedades urbanas e ruraes d'ella, para estabelecer a imposição e contar o seu valor, depois do que se votaria a despeza. Foi prudente alvitre; este didadão conhece a *economia politica*.

Levanta-se outro e propõe que todo o homem, chegado á idade de vinte e um annos deve apresentar o attestado profissional, ou titulo de qualquer profissão para entrar logo no uso dos seus direitos de cidadão, e ficar alliviado de uma multa que repartidamente seria paga por elle nos trabalhos publicos, e por seus pais.

E' uma medida de policia, e ainda que pareça pesada, não é senão simplesmente preventiva, e leva todos os moços á escolha de uma profissão, á vida activa da industria, e torna-os cidadãos productores.

Deves saber, Fabricio, que na vida economica da sociedade, o

homem é uma quantidade, um numero, e que deve ser considerado na razão do que produz, e é dever do comicio fazel-o produzir e mantel-o no gozo pleno do que tem possuido.

A propriedade, posse, ou dominio de terras e outros bens, é inviolavel e mantida áquelle que a tem adquirido.

O proponente não afastou-se das condições economico-politicas que ali devem ser sabidas.

E emquanto se satisfaz o pedido do primeiro que será na proxima reunião, e se vai escrever no codigo a disposição approvada, tratemos dos principios d'essa sciencia que deveria fazer parte do ensino da escola superior no curso das lettras.

É do que vou tratar na seguinte epistola.

*Pax ad domum vestram.*

**FABIO.**

## MÃI DO OURO

### IX

#### JANJOCA TIMBAUVA

Pelo Camaquã appareceu em busca de serviço um rapaz ainda imberbe. Começava então a safra : a tropeirada de guanaca repleta de onças dos charqueadores já se tinha esparramado pela campanha a conchavar gado com os estancieiros.

Facil foi a Janjoca addir-se á uma comitiva como peão, e assim dar livre expansão ás suas inclinações para a vida activa e agitada do campeiro.

D'ahi seguiu para Pelotas trocando na culatra de uma tropa que Raphael Barbosa partara na invernada do capitão Lucas Fagundes, para ir pô-la á venda na Tablada de Pelotas.

D'esse dia em diante tornou se companheiro effectivo de Raphael Barbosa, a quem nunca mais abandonou. Acompanhou-o em suas viagens pela campanha, servindo-o sempre com muito zelo, boa vontade e energia. Barbosa começou a descansar sobre elle.

No fim de mezes estimavão-se bastante e achavão-se um com o outro intimamente satisfeitos. A proporção que mais tempo se

passava, mais ligados pela mutua sympathia e amizade, tornava-se patrão e peão. Janjoca fez-se o companheiro inseparavel de Barbosa em suas batidas e o seu homem de confiança.

N'essa lida de tropeiro consorciados pelo trabalho rude e insano, pelas vigalias da ronda, muitas vezes em noites frigidadas em que a chuva cahia a cantaros sobre seus ponchos molhados e arreios alagados, pelos mil cuidados que acompanhão a conducção d'uma tropa, n'essa lida viverão alguns annos. Cançado d'ella, Barbosa com alguns bons contos de réis, Janjoca com meia duzia de patacões recolherão-se á estancia.

O velho major Desiderio, pai de Raphael, descansou sobre o filho e entregou-lhe a administração da fazenda. Janjoca tornou-se o braço direito do recente administrador.

Tambem em todo aquelle visindario não havia ginete tão guapo e tão marchador como o joven filho de Simeão e Marucas Albernaes. Ninguem montava como elle, com tanta bizarrria e garbo o mais quebra e largado redomão; ninguem reboleava com mais mestria o laço ou atirava um pealo de cucharra.

Janjoca era a flôr dos guascas de todo aquelle rincão.

Se no seu redomão pangaré elle era o monarcha garrido de todos aquelles pagos, no serviço o mais habil e o mais activo dos da peonada; quem disputasse com elle glorias no sandaugo não havia. Elle só levava a todos as lampas.

As raparigas anhelavão tel-o por par.

Entre tantas moçoilas bonitas que por ali apparecião, mereceu-lhe mais meiguices Angelita Nunes, filha de um visinho, morador dos Palmares.

Em todos os divertimentos que se armavão, em que comparecia Angelita, Janjoca dava-lhe a preferencia sobre as demais. Ella era quasi o seu par effectivo.

Mutua troca de affectos se operou. O amor como feliz intermediario, entre ambos se collocou, para fazer a transfusão dos sentimentos d'um coração n'outro coração, e estabelecer a união de duas almas pelo mesmo elo ideal.

Todos comprehenderão quaes as immateriaes relações que entre ambos existião, e a razão porque mutuamente se buscavão.

Com immenso prazer os pais de Angelita consentirão em seu casamento com Janjoca: até mesmo tinham empenho n'elle, pois os noivos amavão-se, e Janjoca era homem de merecido credito.

Com ligeireza apromptarão o enxoval e tudo o mais requerido pelo ritual dos casorios.

Os candidatos ao hymineo não cabião em si de contentes com a approximação do dia feliz: avisinhava-se a tão ardentemente esperada hora do consorcio e mais anciosos se tornavão á espera do instante ineffavel.

Afinal elle chegou. Na capellinha do Arroio Grande depositarão seus votos aos pés do altar, e descerão o adro da igreja unidos para sempre.

.Janjocadesde que abandonára a casa paterna, deixára de usar o sobrenome Albernaes. Appellidava-se simplesmente João.

Na fazenda do Cambacá havia por detraz do galpão em que estava situado o quarto do peão uma veteranaça d'uma timbaúva contemporanea de seus tataravós. Uma porta no quarto dava sahida para o campo.

.Janjocana timbaúva pendurou uma rêde, pendente de dois dos seus mais vigorosos ramos. No verão n'ella dormia, quando as noites erão ardentes e alvas.

N'aquella solidão, a sós, sentia pungentes lembranças da casa paterna, sentia estremecimentos de sua infancia querida, e chorava...

Quão diversa dos natalicios pagos de alvinitentes arciaes esta terra da hospedagem, em que as campinas verdejantes ao infinito se desfraldão!...

Céos! céos! que colmais de fulgôres o meu patrio berço, ouvi os suspiros do exilado, que geme saudades do paterno ninho!

Até alta noite emballando-se na rêde, Janjoca fazia soluçar a guitarra. A timbaúva era a confidente de suas queixas e saudades.

Os seus camaradas pozerão-lhe o cognome — Timbaúva.

Depois de casado, Janjoca foi occultar a sua felicidade no pitoresco retiro que no primeiro capitulo descrevemos.

Lá no *posto dos dois umbús*, na divisa do campo que beira o mato, arranchou-se, e comsigo o amor.

Do seu consorcio com Angelita nasceu Miguel o travesso rapazinho e a nossa encantadora Annita.

Como succumbio o filho do casal Albernaes, já o disse.

Desvendar porém, os mysterios em que se envolve a sua morte não o farei, como pretendia, pois escasseia-me o tempo e não disponho de mais espaço. Tenho de abreviar o conto embora vá d'ora em diante mais a troche-moche. Estou meio resolvido a findal-o mais tarde, traçando um outro: — A morte de Janjoca; pois que hoje estou compromettido a encurtar e rematar este em duas tiradas.

Leitor, muni-vos, pois, de mais benevolencia.

### SENSAÇÕES DE CRIANÇA

Uma tarde estava Annita pouco adiante da porta, sentada á sombra dos umbús, sobre as suas raízes, robustas como os membros d'um gigante antediluviano sepultado, cuja ossamenta rompesse da terra.

Os dois gigantes das montadas espanejavão a cabeça desgrehnada no ambiente. As suas plumosas flôres, alvas como espumas de peráos, luzião entre a verde ramagem, e perfumosas como o manacá, embalsamavão o remanso dos umbús de dulcissimos aromas.

Recostada a um dos troncos, Annita respirava inebriada as auras tepidas que vinhão das savanas.

O que sentia, o que pensava ella?

Uma embriaguez voluptuosa se apoderava do seu corpinho gentil, uma mólleza incomprehensivel a inania em mysteriosas sensações, e seus labios tremião como que a receber beijos de fogo.

Em seu scio tremulo se espojava uma languidez lasciva, seu collo arfava de leve, todo se arripiava ao tepido contacto da roupagem, e os dois peitinhos entumecidos, cheios, se roçavão e tremião de emoções.

N'esse momento toda a electricidade de seu corpo se confrangia da cabeça aos pés da encantadora menina com alvoroço, todo o seu corpinho mimoso ondulava e retrahia-se com volupia, de um *não sei qué* de impalpavel que roçava...

Contra vontade as palpebras suas suavemente se cerravão. Ella tentava abrir os olhos e elles desmaiavão em languidez.

Percorria-lhe os membros subitos estremecimentos, e o seu collo palpitava com desconhecidos palpites. D'elles querião romper as aspirações d'um fruir ineffavel, cujo prelibar a estonteava...

Oh! mundo de prazeres! oh! delicias imaginaveis!...

As suas idéas se toldavão, a sua mente delirava; em sua cabeça havia turbilhão; e ella via no vacuo nuvens roseas salpicadas de flôres ethereas, cascatas d'ouro em que boiavão perolas, e surgindo com o corpo feiticcio semi-dourado pela luz phantastica uma imagem encantadora...

A volupia se espojava ebria e febril no macio collo de Annita.

A desfiar as notas de sua divina melodia, *cardeal* cinzento, de costas pardas e rubro topete fulgido, se emballava feiticciramem-



te na ramagem da creciúma, tão bello, que julgar-se-ia uma flôr phanthastica das scismas poeticas do indigena primitivo!...

O' ebriez de amor! Despontar de ignotas sensações n'um seio virgem!...

## XI

### UM TOMBO FELIZ

Braças distante do *posto* a todo galope um ginete cruzava o campo em direcção á Tapera Velha.

O cavallo insofrido, mascando o freio, por onde escorrião em ondas bolhas de saliva, com as patas mal roçava no chão. Suffocado pelo capim apenas ouvia-se o ruido que fazia no pisar.

Soberba estampa de alazão, de crinas brancas e cauda larga; de quartos flexiveis e pescoço delgado!...

É o cavallo ia na disparada a todo tiro. O cavalleiro dera-lhe de redea, e elle apoderando-se da franquia ia a bom galopar...

De repente tropeçou...

É não houve tempo de sustel-o, rodou...

Dera causa á rodada do alazão o estar o terreno broqueado pelos tuco-tucos.

O ginete ' apaulado de surpresa, quando deu accordo de si estava com uma perna por baixo do alazão.

Quiz safar-se, não pôde; fez esforços para retirar a perna que o peso do cavallo tombado sobre ella pisava, — inuteis

Uma dôr aguda refrangendo-se-lhe no quarto oppresso esmagava-o com a sua dureza.

De sopetão rodou, de sopetão ergueu-se o alazão, e sahio disparando a toda a brida.

O cavalleiro ficou no campo deitado.

— Que desgraça, meu Deus! O' Miguel, Miguel, acode, que lá morreu o homem, — dizia em altos brados a mãe de Anni-ta, que ao frontear a porta vira a queda que levava o pobre moço.

Momentos depois achava-se elle installado em uma boa cama em casa do posteiro, e entregue aos cuidados esculapios de D' Angela, que era toda ella uma arca de sciencia méshinheira.

A boa mulher andava em verdadeira dobadoura. Tudo lhe merecia muito especial attenção.

Usa-se muito aqui, com a significação de cavalleiro.

Annita estava transformada em enfermeira ajudante de sua mãe. Era ella a incumbida de apresentar ao enfermo o caldo, de alcançar-lhe os objectos de que precisava e de distrahir-l-o durante o dia.

Elle se chamava Leonel Gonçalves. Moço, bello e sympathico, espirituoso e galhofeiro, erão dons que o adornavão.

Com taes prendas como não agradar?

Annita se affeiçoou a elle dentro em pouco.

Leonel começou a reparar que a sua enfermeira era linda, lindissima; achou-a encantadora.

A ancia que tinha por ficar bom para partir para Jaguarão, começava a arrefecer, e as horas que passava com Annita á cabeceira muito agradaveis lhe corrião. Já não tinha pressa em ficar bom, já não tinha ancias de partir: a convalescença que se approximava o punha em embaraços.

Oh! mil vezes doente! mil vezes doento, tendo junto de si toda disvellos, este anjo do lar!

Feliz, feliz, com vezes feliz quem tem as caricias de um ente adoravel!

## XII

### CONVALESCENÇA E AMOR

Leonel já quasi bom, quasi sã a perna que contudira e machucára, cucetára convalescente, pequenos passcios; do quarto á varanda, da varanda á ramada, sempre apoiado ao braço tremulo de Annita.

O beija-flôr pousado no hombro da menina acompanhava-a em suas curtas digressões.

— Onde esteve a senhora hoje de manhã que tanto custou a me apparecer? Já se tinha esquecido de que o seu doente estava ansioso pela visita de sua bella enfermeira?

A senhora está se tornando muito má. Parece estar já se aborrecendo de minha impertinencia. Quer que eu parta? Já estou quasi bom; pouco me custará montar a cavallo e pouco mais tambem a soffrer a viagem!

— O não se lembre d'isso. O senhor não tem razão, é cedo ainda para se ir: ha de ficar perfeitamente restabelecido primeiro. Eu não o deixarei partir.

— Mas é necessario; não posso aqui ficar eternamente, tenho

deveres, obrigações que a Jaguarão me chamão; não posso me deixar sempre ficar aqui. Breve, com pezar, serei auzente.

— Ainda mais alguns dias, Sr. Leonel; não abandone tão depressa áquelles que lhe estimão. Já tão acostumada estou que não me resignarei a vê-lo partir. Chorarei pelo senhor.

E a menina deixou no semblante transparecer quanta tristeza lhe ia n'alma. Vio-se o véo de pezar que desabava.

Pobre Annita!...

— Oh! não chore, não lamente a minha auzencia; voltarei breve, talvez para sempre.

— Promette? interrogou a menina com ar tão encantador, tão expressivo e cheio de seducção que Leonel prometteria até (seria d'isso capaz) as estrellas do céu para formar-lhe um collar!

— Prometto, juro.

— Voltarão para casa.

Com Annita não voltarão mais as doudejantes alegrias que esvoaçavão como as borboletas nos páramos da patria.

Em cardume, tocado por adversos ventos lá ião revoluteando desaparecer em horisontes sombrios.

Da sua janellinha debruçada contempláva a mataria que no fundo do valle se ennovellava nos longes vaporosos, como a felicidade humana, que o minimo sopro desfaz e apaga. E os olhos razos de lagrimas fitavão as estrellas do céu...

— Não esteja triste, junto murmurou-lhe a voz de Leonel. Ainda nos veremos, e eu ficarei junto da senhora o resto de meus dias. Longe não poderei viver porque amo-a e amo-a muito.

Ao longo dos cilijs de Annita duas lagrimas grandes vagarosamente rolarão.

O beija-flôr vivia abandonado. Não mais a mão acariciadora de sua senhora lhe amaciava a plumagem deslumbrante, não mais o seu biquinho recebia aquelles beijos ternos que tanta meiguice encerravão.

Um dia batendo as azas, elle partio, e não mais voltou; orphão das affeições mais caras, abandonava quem o abandonou lhe deu.

Pela mesma porta a felicidade batia azas e passava.

Annita inconsolavel se desfazia em prantos.

Leonel partio.

## TRISTEZAS

Havia já quatro mezes que Leonel partira. Havia já quatro mezes que se auzentára e nenhuma noticia do si dera ainda.

Annita desconsolada sem cessar chorava o olvido em que cahira, lamentava o esvaccer continuo de seus mais bellos sonhos de felicidade, que um a um se ião desfazendo em desillusões, d'essas que acabrunhão.

Annita sentia-se consumida de saudades, e dasafogava a dôr em lagrimas; já o desespero lhe invadia a alma.

Porque fitaste, ó pobre anjo, esses olhinhos negros, cheios de travessura, em quo a felicidade bailava, na imagem embora bella, mas sempre enigmatica, que propõe o hieroglipho do amor a decifrar?

Porque pendeste de teu ninho de innocencia no penhasco erguido, a seductora cabecinha para o remanso do lago em que na placidez das aguas a borbulha da desgraça se confrange?

Porque avára não defendeste o teu coração contra as assassinas emoções do amor?

Fatalidade! Fatalidade!... Annita! minha pobre Annita...

E Leonel tardava.

Debalde ás vezes ella esperañada fitava os longes e buscava na penumbra da campina descobrir um cavalleiro.

Sóes após sóes se passavão; elle não voltava. Na tristoza d'essa alma o dia despontava, na tristeza d'essa alma o dia se amergia...

Pobre coração! Tão joven, tão magoado; tão joven, tão dorido. O amor, qual ferro em brasa, queimou-a no tocar.

Que é do oleo santo que te ha de curar; do balsamo que cicatriza a ferida sangrenta que o amor abriu, que só o gozo do amor fechar pôde?

Que é do lenitivo ás tuas magoas?

Olha que lèntamente o cancro do amor te devorará o seio; lèntamente consumirá até a ultima particula da felicidade.

Além o horto das agonias te chama, te abre o seio tumido, em que as mil dôres, serpentes do martyrio, aninhadas esperão te poder cingir, e no supplicio suffocarem-te; suffocarem-te, pobre criança!...

Já lá vão dois annos: dois annos de amargura; e Leonel de si não dá noticia...

Fugi, fugi espavoridos, ó bandos radiantes das chiméras; le-

vai vossos matizes multicôres, que nas azinhas se irião ao sol, a outros pagos mais ditosos, em que olhos não toldados de lagrimas possão alegres vos fitar, ó tentadoras phalenas do prazer. . .

E vinde vós, enchamês negros das borboletas do agouro, e esvoaçai ao redor de sua cabecinha em que pairão tristezas, em que o desengano aninha-sê. . .

Vinde insectos luctuosos! . . . Vinde convivas das bodas funebres.

Leonel nas cidades esqueceu nos salões cheios de *divas* arrebicadas, cobertas de carmim e pós de arroz, a filha encantadora do posteiro, a sua enfermeira compassiva. Em sua alma, da ingenua menina, o esquecimento apagou a imagem.

E Annita continuava a esperar o ingrato; tinha-lhe affecto, tinha-lhe amor extremo. . .

Elle não vinha!

Batei, batei as azas, a juryty, em busca do consorte! Que elle não se perca na umbreza da mataria; não deixe olyidada a esposa suspirosa.

VICTOR VALPIRIO.

(Continúa).

# SENSITIVA

## DRAMA EM 3 ACTOS

### PERSONAGENS

JUVENILIA,  
FLORINDA,  
ALBUQUERQUE,  
FAUSTINO,  
O COMMENDADOR,  
MONCHIQUE,  
MIGUEL,  
UM PROCURADOR,  
JOÃO MACHADO,  
ESCRAVOS, ETC.

A acção passa-se no Rio de Janeiro

ACTO II

ACTO I

Sala de verão em casa de Albuquerque. No fundo ha um balcão dominado por columnatas, em que se enrançam lindas trepadeiras e parasitas. A balaustrada dá sobre um jardim.

Portas lateraes. Boa mobilia

SCENA I

Monchique só. Traz um barrete preto

MONC. — Isto não vai bem, não corre segundo meus calculos... De minha legitima propriedade já possuo um bom meallheiro; posso negociar por minha conta e risco. E' verdade que vou rastejando por meus quarenta janheiros e mais de dois terços de minha existencia passei em casa do Sr. Albuquerque; é verdade que estimo algum tanto a pecurrucha; muitissimas vezes acalentei-a, trouxe-a ao collo; é verdade tudo isto, mas eu que não sou tolo, devo fazer calar o coração, como dizia meu defunto pai. (*Tirando o barrete e olhando para o céu com compunção*) Deus o haja em boa guarda... Ora o Sr. Albuquerque vai mal com os seus negocios, vai á garra mais dia, menos dia, quebra, e eu José Joaquim Monchique de Avintes Queiroga, fico a vêr navios quanto ao salario. O salario é dinheiro, o dinheiro é o eixo sobre que rôla o mundo, segundo meu velho pai. (*Movimento como acima*) Deus o haja em santa paz... Nada, devo dar-me ás

de Villa Diogo, antes que a tempestade cresça. Quem possui quinze mil cruzados lá nas terras do berço, não é coisa de nonadas. Quinze mil cruzados de economia surda e aturada postos em andamento, podem tornar-me em poucos annos mais, senão millionario, ao menos grande capitalista... (*Rindo-se*) Não é verdade, Monchique de Avintes Queiroga? Sim, sim, lembro agora que a cartilha de meu pai resava: Moedas em cofre são sementes guardadas... (*● mesmo movimento*) Deus haja o bom homem na morada dos justos...

## SCENA II

O mesmo e Juvenilia que entra pela esquerda

Juv. — Monchique.

MONC. — Bom dia, menina.

Juv. — Ora, Monchique! Assim é que me colheste as flores!

MONC. — Escute, menina, o rheumatismo não deixou-me toda a noite... Que dores! Se as soffresse!... E depois... depois... sempre é tempo. Em um instante as trago.

Juv. — Não as quero mais, e o sol está tão quente que faria mal collhel-as. É verdade... Onde está a muda da sensitiva que mandei trazer para aqui?

MONC. — O' memoria de velho! maldita memoria! Não esqueci-me d'ella!

Juv. -- E' isto, é isto sempre!

MONC. — Agora a menina não me dirá que lucro tira com semelhante afeição a uma planta que nem ao menos recreja os olhos por uma flor?

Juv. (*cruzando os braços e encarando-o séria*) — Desde quando foste nomeado meu conselheiro?

MONC. — E' que coisa agradável sem util nada vale, e muito menos sem util e agradável... Experiencia de meu velho pai, menina... (*Tirando o barrete*) Deos o haja.

Juv. -- Não preciso de teus conselhos, nem quero ouvi-los. Acabemos com a scena de rabujice.

MONC. — Tem razão... razão de sobra... Ah! tempos de minha mocidade, porque vos fostes, deixando-me doente e fraco! Tem razão, menina; não era assim outr'ora, quando a trazia ao collo, ensiava-lhe a balbuciar as primeiras palavras, emfim occupava o lugar vazio que sua mãe deixava tão cedo! Ah! então



o pobre Monchique valia alguma coisa! (*Pingindo bimar uma lágrima*).

Juv. (*enternecida*) — Perdõa-me, meu velho amigo; mas para que has de sempre contrariar meus mais intimos sentimentos? Não vês que é uma sympathia indefinivel que me prende ás sensitivas? Que para mim ellas não são simples vegetaes, porém como creaturas, irmãs, cuja sensibilidade falla a meu coração, cuja delicadeza tem attractivos que chegam ás vezes a arrancar-me lágrimas?... Se soubesses que as consulto com os mais santos dos oraculos, que são o espelho de minha alegria e tristeza, não virias, Monchique, censurar-me... Deixa que eu as ame... Acaso censuro-te, porque a seu respeito pensas tão diversamente?

Monc. — Fallé sempre assim, menina, que não llic quero mal, e vou buscar não só o vaso, mas quantos haja no mundo... Até já: (*Sahe pela direita, toido contrafeito no andar, como quem soffre do rheumatismo*).

### SCENA III

Juvenilia só

Juv. — Pobre Monchique! A mesma impertinencia lhe vem da enfermidade. (*Vai ao fundo e recosta-se na balaustrada*). Que bello dia! Como minhas flôres explendem! A's vezes creio que Deus só as fez para mim. Necessito tanto d'ellas, que se me faltassem, morreria de tédio... E Faustino?! Que ingratição! (*Fica scismadora*).

### SCENA IV

A mesma e Faustino que entra pela direita

FAUST. (*que a observa na balaustrada*) — Juvenilia que fazes?

Juv. — Ah! És tu Faustino?

FAUST. — Que fazias?

Juv. — Adevinha.

FAUST. — Adevinhar?! É' impossivel. Tu és um mundo de

mysterios, myrifica harmonia que sinto e não comprehendo, raio luminoso que vejo e trepido em analysal-o.

JUV. — Como estás lisongeiro! Quem te inspirou tão bellas imagens?

FAUST. — Quem? Adevinha.

JUV. — Vingas-te? Pois bem, Faustino, ali (*aponta para o jardim*) eu admirava a luz do sol, a belleza das flôres, seus perfumes, e o verdor de suas folhas, e entre o céu e a terra eu scismava...

FAUST. — Scismavas?

JUV. — Sim, scismava n'uma ventura que mal antevejo em sonhos. (*Grave*) Era em ti... A's vezes penso que os sorrisos em breve morrerão para nós. Duvido sempre, até nos mais alegros instantes que a felicidade possa ser perenne sobre a terra... tremo por ti e por mim...

FAUST. — Para que has de entristecer-me, Juvenilia?! Gozemos o que ha, e se um dia máo fado presidir nossa sorte, supportemos a adversidade como o periodo de venturas.

JUV. — Esquece o que eu te disse... Foi o pio do bacuráo que cruzou nosso horizonte tranquillo... Passou...

FAUST. — Esqueço, minha vontade é a tua. (*Pausa*)... Foste hontem ao Cassino?

JUV. — Fui, porém quasi morri de tédio.

FAUST. — Te aborreceste, quando ias buscar o prazer, as docês emoções?! N'um recinto, em que o pensamento perlustra em ondas de perfumes e escumilha, revolve-se nos vórtices das walsas e vóa arroubado nos ritornellos da musica?

JUV. — Tu faltavas, e tudo era triste. E depois para cumulo de males o commendador Feitosa teve lembranças que parecião esquecimentos!

FAUST. — O que te disse elle?

JUV. — Quando eu sentia tua ausencia, elle fallava-me de doenças de seu coração.

FAUST. — Enlouqueceu!...

## SCENA V

Os mesmos e Monchique com um pequeno vaso em que vem uma sensitiva

MONÇ. (*simulando grande esforço*) — Ah! meu Deus! O rheumatismo tira-me até as forças para trazer um vaso, assim, de

tal tamanho! Cruel doença! Cruel doença! (*Pondo o vaso sobre a mesa do centro*). Não deseja mais nada, menina?

JUV. — Se estás doente, para que te não vais deitar?

MONC. — E' o que eu ia fazer? (*A' parte*) Como é util o meu chronico ataque rheumatico! (*Sahe*).

## SCIENA VI

### Os mesmos meuos Monchique

FAUST. (*observando a planta*) — A tua paixão pelas flôres augmenta de dia em dia.

JUV. — Sabes que até Monchique censurou a sympathia que voto á minha innocente sensitiva?

FAUST. — Eu mesmo faria côro com Monchique, se visse que ella te roubava teu coração; mas como apenas o reflecte, em toda a sensibilidade e pequenas contradicções, até lhe voto estima.

JUV. — Agradecida. (*Pondo um dedo sobre a planta*) Olha como retrae-se! Ha no mundo coisa que se lhe assemelhe no mimo das folhas, no melindroso da sensação?

FAUST. — Ha...

JUV. — Ha?

FAUST. — E's tu...

JUV. — Eterno lisongeiro! Que pauegyrista está perdendo o mundo! (*Ambos estão junto á sensitiva, contemplando-a, e fazendo-a retrahir-se*).

FAUST. — Antes de Monchique entrar, ias fallar-me dos galanteios do commendador...

JUV. (*soltando um pequeno grito de dôr, tremula, vacillante*) — Ah!...

FAUST. — Que tens, Juvenilia?

JUV. (*comprimindo o peito*) — Que angustia, Faustino! (*Toma-lhe a mão e colloca-a sobre o coração*) Não palpita forte? Não é uma pulsação de terror?

FAUST. — Realmente! não te comprehendo... não ha motivos...

JUV. (*indigitando o vaso com magoa*) — Ali ha uma folha que traz uma nodosa de sangue... Minha pobre sensitiva!... Ella soffre!

FAUST. (*observando a folha*) — E' uma borbulha natural, um defeito que apresentão todas as plantas, quer por excesso, quer

por deficiencia de ceiva. E ás vezes é mesmo o berço de insectos quasi microscopicos...

Juv. (*ar de duvida*) — Natural?! Não, é terrivel vaticinio... Arranca esta folha... (*Faustino arranca-a. Ella chega-se à sensitiva e beija-a*). Agradecida, irmã de minha alma; inda bem que me preveniste do perigo... (*A Faustino*) Vamos, que eu soffro... (*Ambos sahem pela esquerda*).

## SCENA VII

**Albuquerque que entra pela direita, pensativo e taciturno; vem sentar-se junto à mesa**

ALB. — Vinte annos de honradez que talvez amanhã desapareção! Em todas as classes da hierarchia social ha pontos de honra. A fallencia para o negociante honesto é o opprobrio, a infamia que marca-lhe a fronte com ferrete eterno e fatal... E depois a miseria! o infortunio constante! pois o mundo em seus odios e sarcasmos confunde a fraude da quebra com a propria quebra, quando uma é inevitavel e a outra apenas o resultado de uma crimincsa premeditação...

## SCENA VIII

**O mesmo e Florinda que tem entrado e ouvido suas ultimas palavras**

FLOR. — Então, Albuquerque?

ALB. — Resta-nos a miseria e a vergonha...

FLOR. — Tal resposta perdoar-se-ia n'uma mulher; n'um homem é covardia sem nome.

ALB. (*erguendo-se ferido*) — Covardia! Covardia! Felizmente é a senhora quem o diz... Covardia!

FLOR. — Com que outro nome quer que eu baptize seus ultimos actos?

ALB. — ● que entende, senhora, por esta palavra?

FLOR. — Agora mesmo vou ao Constancio!... E' muito necessario, quando vejo a accepção viva, animada, palpavel...

ALB. — Deixemos o gracejo, é a occasião meos opportuna.

FLOR. — Deixemos e responda-me: Que fez de sua fortuna?

ALB. — Queria que os elementos, terra e céos me obedecessem? Queria que dissesse ao mar: Poupa meus navios; ao fogo: Respeita meus predios; e elles me obedecessem? E' irrisorio! Irrisorio e digno de lastima! Queria que advinhasse que um banco onde tinha capitães havia de fallir? Se semelhante dom fosse partilha do homem, eu seria outro...

FLOR. — Não queria nada d'isto. Se ouvisse meus conselhos, as tres embarcações que o mar sorveu, com duzentos contos talvez, a casa que ardeu, e o dinheiro que o banco Guimarães & Oliveira consumio, estavam em nosso poder.

ALB. — Admitta uma observação. E' a primeira vez que a oigo dizer que deu-me conselhos sobre finanças...

FLOR. (*com orgulho*) — Dei-os, porque tambem perdi com os naufragios, incendios e transacções bancarias que chamavão — altas emprezas! Bem altas na verdade! e por sua mesma altura forão feridas do raio.

ALB. — Sua herança, senhora, é tão diminuta que em joias sómente tem o quintuplo do que recebi, além do que despende diariamente em superfluidades de luxo e mera vaidade que tenho consentido para não dar-lhe motivos de queixas contra mim, apesar de invental-os maravilhosamente, mesmo quando não os tem.

FLOR. — Superfluidades de luxo?! Diga-me: sua filha gasta menos? (*Apontando o vaso*). Só em jardim e flôres com que enche a casa desde as salas até a cosinha, quanto calcula?

ALB. (*energico*) — Em nossas questões não envolva o nome de minha filha, já lh'o tenho dito mais d'uma vez. Devia dar-se por muito feliz, se seu coração se amoldasse pelo d'aquella menina...

FLOR. (*ironica*) — O coração divino, porque não nasceste comigo? E' para fazer rir as pedras! (*Silencio entre ambos. Pausa longa*). Então amanhã?

ALB. (*tom incisivo e intencional*) — Tres lettras se vencem e não posso pagal-as

FLOR. — Nem um novo prazo?

ALB. — E' impossivel, já m'ó concederão por duas vezes, e o commendador Feitosa, meu maior credor, a muito custo annuo.

FLOR. — Então abre impreterivelmente fallencia.

ALB. — E' inevitavel.

FLOR. — Participo-lhe então que irci acabar meus dias em casa de minha mãe.

ALB. (*attonito*) — A casa do pobre a assusta, pois? E os juramentos prestados ante os altares, e os laços indissolveis que nos prendem na vida e na morte e as obrigações contrahidas na opulencia ou na pobreza?

FLOr. — Tinha quinze annos, lembre-se. Não era bem criança para que tenham hoje valor?

ALB. (*em pé, tremulo de indignação*) — Tem razão, senhora, a venda cabe-me dos olhos, vejo ás claras que esposou minhas riquezas e não minha pessoa. Tem razão, hoje descobri o mysterio d'esta natureza arida de todos os bons sentimentos e da qual no entretanto fui o miseravel joguete durante tantos annos. Faz bem, parta; na mesa em que sentar-se minha filha e Faustino, o enfeitado, que tem tanto de nobre e elevado em seu character, quanto de obscuro em sua origem, deve receiar de hobrear com elles.

FLOr. — Insulta-me?

ALB. — Insultal-a?! O insulto é a negação da verdade e timbro em não faltal-a nunca.

UM ESCRAVO (*que entra*) — Ah! está um senhor que o procura.

ALB. — Fal-o entrar para aqui. (*A Florinda*) Retire-se.

FLOr. (*olhar provocador*) — Para que não continúa com auditorio? Havia de ter sua graça. (*Dando uma gargalhada*) Coragem, Sr. Albuquerque. (*Sahe*).

## SCENA IX

### O mesmo e um procurador

PROC. (*comprimentando-o*) — Sr. Albuquerque...

ALB. (*retribuindo-lhe o cumprimento*) — Queira sentar-se, senhor, estou ás suas ordens.

PROC. — Um negocio delicado traz-me aqui.

ALB. — Póde explicar-se.

PROC. — Sou procurador do commendador Feitosa. (*Estremecimento de Albuquerque*) Hoje mandou-me elle chamar e encarregou-me de vir tratar com o senhor de negocios concernentes a uma lettra que se vence amanhã.

ALB. — Sei, senhor.

PROC. — Minha missão devia ser preenchida amanhã, porém ao mesmo tempo pedio que lhe troucesse uma carta, dizendo-me que da resposta d'ella dependião os passos ulteriores.

ALB. — É essa carta?

PROC. (*tirando-a*) — Aqui a tem.

ALB. (*recebendo-a*) — Com licença, vou lê-la.

PROC. — Pois não.

ALB. — Exige uma resposta immediata; no emtanto é impossivel. Não diz respeito sómente a mim, envolve negocio delicado e melindroso, sobre o qual é necessario reflectir. Se fosse possível esperar até a tardinha...

PROC. — A móra é justa; e como posso ouvil-o até amanhã ás dez horas, já vê que antecede muito ao praso. (*Despede-se e sahe*).

## SCENA X

Albuquerque só

ALB. (*satisfeito*) — Oh! Esta carta póde salvar-me! São trinta contos! Trinta contos que livrão d'uma quebra, da deshonor! Que me arrancão das garras da miseria que ameça-me com todos seus horrores! Porém, é necessario ouvir minha filha... Só ella póde dar-me essa alegria. (*Toca a campainha com força*) Juvenilia comprehenderá nossa situação, ella quererá a prolongação de meus velhos dias... Malditos creados! (*Toca com mais força a campainha*)

## SCENA XI

O mesmo e Monchique

MONC. — Ah! rheumatismo! rheumatismo!

ALB. — Onde está José?

MONC. — Ai, Jesus! Que dôres!

ALB. (*impaciente*) — Onde está José?

MONC. — Esqueceu-se, meu amo, que elle hontem despedio-se.

ALB. — E Miguel?

MONC. — Deixei-o arrumando as malas.

ALB. — Ah! miseraveis, temião que a casa desabasse!... Monchique, vai chamar Juvenilia.

MONC. (*a Albuquerque que lhe volta as costas*) -- Uma palavra, meu amo, uma palavra...

ALB. — Que queres?

MONC. — Eu queria...mas...mas...

ALB. — Falla. Qneres pedir-me alguma coisa, Monchique? Avia-te com isto, que não posso perder tempo.

MONC. — Meu amo, já estou velho e bom seria se fosse só a velhice! Um velho doente, dizia meu defunto pai (*Tirando o barrete*)... Deus o tenha em santa paz!... Dizia meu pai que era como os cacaréos carunchados... Tinha razão.

ALB. (*impaciente*) — Emfim aonde vais com o aranzel?

MONC. — Meu amo, um pouco de paciencia. O rhenmatismo, mais dia, menos dia, dá-me com os costados na cóva; eu já não posso quasi servil-o, sou um ente inutil, alquebrado, infeliz, importuno, lazareto... O' meus tempos de vinte annos, quando eu e o senhor eramos moços, bellos e tífues! Senhor, eu sou filho de Freixo-de-Espada-á-cinta na provincia de Traz os Mõntes, tenho hoje uma irmã, unico descendente de minha familia... Eu queria voltar a Portugal para morrer onde nasci.

ALB. — Tambem tu, Monchique?!

MONC. — O que, meu amo?! Que pensa?!

ALB. — Eis o mundo estereotypado n'um só homem! Quando a felicidade nos protege e a fortuna abre nossas portas, rodeia-nos das commodidades da vida, os amigos surgem de todas as partes, porém, apenas ella desampara ou ameaça desamparar-nos, eil-os que fogem como por encanto. Onde havia o vozeio, o tumultuar das festas, nota-se o silencio, a tristeza que annuncia uma catastrophe! A ingratidão, a indifferença e o abandono por toda a parte, desde os grandes até os obscuros criados. Monchique,...

MONC. (*interrompendo-o*) — Mas ..eu...

ALB. (*continuando*) — tambem tiveste presentimentos da proxima ruina de minha casa, de que se falla, ha um anno? Sentiste horror pela miseria que pudesse assaltar-nos e pensaste n'uma viagem á terra natal, não foi? O que nos outros é perdoavel, em ti não póde sel-o jámais. Ha vinte annos fazes parte de minha familia, porque o criado que envelhece assim, não é mais um extranho, é um parente, é um amigo... Ha vinte annos tambem, Monchique, arranquei-te ao furor do mar com perigo de minha vida... Fazes bem, pódés partir...

MONC. (*que tem procurado interrompel-o varias vezes*) — Céos, manda-me um de teus raios, se não fallei innocentemente! Terra, abre-te e sorve-me...

ALB. — Basta, a hypocrisia duplica o horror da má intenção.

MONC. (*limpando as lagrimas que lhe correm pelas faces*) — Ai, senhor, entendeu-me mal... Só este rheumatismo...este...

ALB. — Nem mais uma palavra. Já te disse, no proximo paquete pódés partir. Desejo-te prospera viagem. Chama-me Juve-



nilia... Não, não chames. (*Vai á campainha e toca-a repetidas vezes*) Todos assim! Desde a farda bordada do ministro até a libré do criado! Bem o disseste philosopho, quando um dia não encontraste nas acções do homem outro movel senão o interesse...  
● Os sentimentos que nobilitão, fugirão da terra para sempre, e se os ha ainda, não é nas grandes cidades, no fóco de emprezas de toda a sorte, de multiforme concurrencia, onde cada qual busca lucros embora amassados com lagrimas e até salpicados de sangue. (*Pausa longa em que contempla Monchique com ironico sorriso*).

SCENA XII

Os mesmos e Juvenilia

JUV. — E' papai que está a chamar?

ALB. — Sim, filha.

MONC. (*á parte*) — Custou, mas ganhei a partida. A ultima vasa foi minha.

ALB. (*a Monchique*) — Retira-te. (*Vai seguindo o com o olhar até sumir-se. Juvenilia ao passar pela sensitiva detem-se e contempla-a tristemente*).

ALB. (*rolando-se*) — Que tens? O que assim te entristece, filha?

JUV. (*commovida*) — Talvez uma criancice, papai. Um sentimento que a presença d'esta planta acaba de avivar.

ALB. (*admirado*) — A sensitiva?

JUV. (*com a voz embargada*). — Ella mesmo.

ALB. — Tu choras?! Vem abraçar-me... Aninha em meu seio tuas dôres e sentimentos. (*Abraça-a e beija-a na frente*). Quero vêr-tê sorrir... E's tão bella, filha, quando um véo de tristeza não te vela os traços!

JUV. — Imminente desgraça nos ameaça.

ALB. — Sabes?

JUV. — Sei.

ALB. (*extremamente admirado*) — Quem te disse? Faustino?

JUV. — Não. (*Indicando a sensitiva*) Ella.

ALB. — Ella?!

JUV. — Sim, n'uma folha onde havia uma gotta de sangue. Ella é, papai, meu livro sybillino.

ALB. — E's um mysterio, não te comprehendo; no entretanto fallas a verdade.

JUV. — Eu sabia; estou prevenida para o infortunio, qual-quer que elle seja. Falle, papai. O que aconteça?

ALB. (*sentando-se*) — Escuta, desde pequena habitas esta casa, estás affeita ás commodidades e ao luxo, não conheces privações, o trabalho que mal se troca pelo sustento diario, nem os soffrimentos que traz a miseria; pois bem, se tudo o que hoje gozas, amanhã desaparecesse, teu animo teria forças para resistir? Teu corpo franzino e debil continuaria com saude?

JUV. (*resoluta*) — Serei como a andorinha abrindo as azas á tempestade.

ALB. — Criança!... Suppõe que minha velhice se negasse ao trabalho.

JUV. — Eu trabalharia.

ALB. — E se a transição da opulencia á pobreza me fosse impossivel a mim, me acabasse?

JUV. — Meu Deus! Papai brinca?...

ALB. — Quem déra, filha, que fosse um gracejo?! Amanhã tudo o que temos será entregue aos credores; amanhã esmolaremos o tecto que nos abrigue e o pão que nos alimente. (*Juvenilia que está de pé junto á cadeira de Albuquerque, fica immovel, impassivel como uma estatua*). Então?

JUV. — Seremos felizes no albergue do pobre, como o fomos nos paços do rico? Eu e Faustino...

ALB. (*erguendo-se*) — Não me falles em Faustino... Sobre sua vida paira grave mysterio... Amanhã faz elle vinte e cinco annos, e lhe entregarei um pequeno cofre que recebi por mão occulta com uma carta, em que se me empenhava por minha honra e lealdade a não tornal-o sciente de seu conteúdo, senão no prazo exigido. Talvez então seu futuro se aclare e roube-nos sua companhia tão cara.

JUV. — Que juizo faz papai de Faustino! Crê, suppol-o-ia capaz de abandonar-nos nas circumstancias actnaes?

ALB. — Conheço o quilate d'aquelle coração de tempera fina; mas quem sabe o que encerrão os papeis do cofre? (*Pausa*) Filha, ha um unico recurso, uma unica taboa de salvação para nossa fortuna e socego; esta a tens entre as mãos. Só tu podes livrar-me das maldições, improperios e calumnias de que hão de cobrir-me, da desgraça e quem sabe da propria morte.

JUV. — Eu?

ALB. (*tira a carta que recebera e entrega á filha*) — Lê.

JUV. (*lê, estremece visivelmente, consterna-se, mas logo estendendo os braços, tranquilla e alliva rasga em pequenos pedacinhos a carta*) — Eis a resposta ao commendador Feitosa.

ALB. (*que tem-lhe seguido os movimentos com extrema anciedade*) — Que fazes, filha? Era a felicidade!

Juv. — Era sua deshonra e meu infortunio. Esta carta queimava-me os dedos, propunha-lhe uma transacção infame...

ALB. (*abatido*) — Era um casamento de conveniencias com o commendador, que só assim não reclamaria o que lhe devo, e auxiliar-me-ia a fazer face a outros compromissos. Minha casa, meu nome, não perderião os creditos até hoje gozados... Filha! Filha! Minha ultima esperança foi-se... A teus caprichos pueris matas-me...

Juv. — Salvo-o, papai. Mas estou o desconhecendo! Como quer sacrificar minha existencia, meu futuro, meus sonhos de ventura, a innocencia de meu coração só pelo receio da pobreza que tanto o aterra? Amo Faustino... amo-o porque é, como eu, moço, character nobre; porque nos sentimentos, nas aspirações, nas virtudes, na educação, nossas almas forão vasadas no mesmo molde, abração-se, comprehendem-se, não têm senão um horizon-te, não adorão senão a um mesmo Deus...

ALB. (*cujos movimentos têm denotado profunda lição interna*)... Fallido!... Minha honra de negociante... Meus creditos... Não, não é possível! Juvenilia!... Estou cansado de obedecer... Quebro as cadeias da servidão moral que ha tanto me opprime... Aqui ha uma só vontade, é a minha. Responderei ao commendador.

Juv. (*cahindo-lhe aos pés em desespero*) — Papai! papai!... Sim, cubra-me de sedas, cinja-me a capella de flôres de laranja á frente, e diga: Caminha ao holocausto ataviada de flôres e fitas, pobre victima dos preconceitos sociaes... Diga-o, se tem coragem, que eu obedecerei. E' como fazião na antiguidade os sacrificadores.

ALB. (*indo até a filha e retrocedendo*) — E' preciso que isto tudo acabe... Que inferno! Endoideço ou ella tem razão. (*Sahe como allucinado*)

### SCENA XIII

#### Juvenilia só

Juv. — O' a gotta de sangue de minha sensitiva! (*Beija-a*)  
Agradecida, mil vezes agradecida!

SCENA XIV

A mesma e Faustino

FAUST. (*sem vêl-a*) — Onde estará meu pai, ... Tudo vai de mal a peor... Estamos irremediavelmente perdidos.

JUV. (*sem vêl-o*) — Preciso fallar a Faustino, contar-lhe...

FAUST. (*notando-a*) — Que tens? Choras?

JUV. — Choro. (*Pondo-lhe as mãos sobre os hombros*) Olha-me bem, adivinhas porque chorei?

FAUST. — Não.

JUV. — Foi por ti, querião casar-me com o commendador Feitosa.

FAUST. (*tomando-lhe as mãos, cobre-as de beijos e agarre-lhe aos pés*) — O' Juvenilia, tu és um anjo!

JUV. (*inclinando-se sobre elle beija-lhe a fronte*) — Volvamos nossos corações para o céo, a tempestade ainda não passou.

SCENA XIII

Juv. — O' a gotta de sangue de minha senhaura! Beijo-a  
Agachada, mil vezes agachada

**REALIDADE**

Não me venhás fallar nesses sonhos  
Que a procella ao passar derribou...  
Os cyprestes nas sombras se alteão!...  
O simun a miragem levou!  
A desdita enublou-me a existencia  
Que o destino maldito sellou!

Tanto hymno e meu peito soluça!  
Tanta flôr e minha alma morreu!...  
Tanta luz e a esperanza fagueira  
Para sempre esta angústia varreu!  
Ai! não lembres os lyrios de outr'ora  
Que coroão os anjos no céo!...

E' já tarde! só brotão saudades  
Nas cavernas do meu coração...  
As auroras de luz são fanadas!

Só me alveja a marmorea prisão.  
Como o goivo tombado nas campas  
Lá tambem se debruça a illusão!

Não! não pôdem teus loucos delirios  
Reerguer-me da frente este véo!  
Para sempre mirrou-se a esperanza  
A's lufadas do tredro escarcéo!  
Não! não venhas na voz fementida  
Recordar-me o passado... morreu!

A desdita enublou-me a existencia  
Que o maldito destino sellou...  
Os cyprestes nas sombras se alteão...  
A miragem do céo se apagou!  
Não me venhas fallar desses sonhos  
Que a procella ao passar derribou!

AMALIA FIGUEIRÔA

Porto Alegre — 1873.

**ROSA PALLIDA**

Ninguém sabe que lagrimas se vertem  
Nos lares da pobreza desvalida,  
N'essas tristes cabanas em que a vida  
Nunca tem um prazer... sequer um só!  
Que chorar sem conforto no abandono  
Que febrê de agonia muda e lenta...  
Quanta rosa de Abril já macillenta  
Resvalando dos tumulos no pó!

« Vem, formosa Maria! A noite é calma  
Como é calmo o teu rosto adolescente!  
A lua já mostrou-se no oriente  
Afastando as caligens branco-azues!  
Vem, formosa Maria! Tu não doves  
— Rosa branca nascida n'alvorada —  
Viver aqui nos ermos desprezada,  
Pendida para o lodo dos paues!

« Vem! deixa as varzeas que só têm neblinas,  
Flôr das campinas, recatada flôr?  
Vem perfumar-te na mais pura leiva  
Sentindo a seiva de um profundo amor!

« Deixa estes lares que a pobreza enluta!  
Deixa esta luta contra a sorte vã!  
Ah! ninguém sabe como eu sei amar-te!  
E em toda a parte me serás irmã!

« Na nossa vida que gentis veredas!  
Tu terás sedas, ouropeis a flux!  
Serás mais bella que a formosa Castro!  
Serás um astro de esplendente luz!

« Deixa as neblimas d'este céu escuro,  
Que além mais puro vai mostrar-se a nós!  
Além te espera venturosa sorte,  
E aqui a morte te será precoz!

« Maria, fujamos! Qu'importa que o mundo  
— Juiz corrompido — maldiga de nós?  
Són ambos sedados de amor profundo  
Fujamos veloz!

« Avante, ginete! Transpõe as extremas,  
As ultimas raias deixemos atraz!  
Descóras, Maria? Não chores, não tremas!  
Feliz tu serás!

« Além nos esperão palacios brilhantes,  
Delicias immensas teremos além!  
Quem póde roubar-nos tão doces instantes?  
Quem póde? Ninguém!

« Avante, ginete! Remorde esse freio,  
E as patas ligeiras mal toquem no chão!  
Descóras, Maria? Não tenhas receio...  
Será teu irmão!

« Serás a rainha nos bailes ditosa,  
Serás a mais bella das moças gentis!  
Ninguém sobre a terra será mais formosa!  
Ninguém mais feliz!

« Avante, ginete! Redobra de alento!  
Transpõe os abysmos! fujamos veloz!  
Transporta-nos hoje nas azas do vento,  
Que o céu é por nós!

F a pobre donzellinha descuidosa  
 Roubada ao seio puro da familia,  
 Foi passar muitas noites em vigilia  
 Onde o crime, o cynismo reinão só!  
 Sem saber que no ardor de cada walsa  
 Uma flôr da grinalda recatada  
 Cahia-lhe da fronte desceçada  
 E murchava a seus pés lambendo o pó!

Da sua primavera os brancos lyrios  
 Desfolharão-se aos perfidos bafejos  
 D'esse mundo que paga com motejos  
 A desgraça, a' deshonra da infeliz!  
 Depois, pela moença conduzida,  
 Lá foi pedir ao nobre um agazallo,  
 Uma gotta sequer de santo orvalho,  
 Uma enxerga . . . que o mundo assim o quiz!

Inda vive essa rosa desbotada  
 Lutando braço a braço co'a miséria  
 Almejando talvez a cruz funerea  
 Para dar-lhe ao martyrio o termo, o fim;  
 Em quanto o seductor d'alta nobreza  
 Folga e ri nos sarãos da gente nobre,  
 Sem ao menos lembrar-se de uma pobre,  
 De quem manchou as vestes de setim!

Ninguém sabe que dramas lutulentos  
 Pesão sobre a pobreza desvalida  
 N'essas tristes cabanas em que a vida  
 Nunca tem um prazer . . . sequer um só!  
 Que chorar sem conforto no abandono.  
 Que febre de agonia muda e lenta.  
 Quanta rosa de Abril já macilenta  
 Resvalando dos tumulos no pó!

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre — 1873.

**Q U E T A B E N T O**

Sei que custa — é um luctar sem tregoa, insano,  
 E' febre que incandescê;  
 Em anceios oscilla a idea e peito  
 A mocidade escôta em árduo pleito,  
 A vida se esmorece !

Sei que custa esse affan, o estadio é longo,  
 A fronte se prosterna ;  
 Qual naufrago perdido em mar de escolhos  
 Deixa cahir a lagrima dos olhos  
 Buscando uma luzerna !

Ai misero operario do futuro  
 A quem sorrio a gloria  
 Na ebulição insana que rescalda  
 Vê no asphalto mudano uma esmeralda  
 Na cruz — uma victoria  
 Corre á raz; de um phantasma segue envolto  
 Na phantasia ousada ;

Ao longe a musa do porvir lhe acena,  
 E transcendendo — pallida phalena  
 E depois — do transporto Augusto templo  
 Da deusa soberana  
 Se o Senhor lá do céu lhe fez o caminho  
 A multidão erguendo-se em mesquinha  
 A fronte lhe profana !

Ha quem creia na gloria ! . . . Um beijo d'ella  
 Os labios só calcina ;  
 Sylpho que passa roçagante e affaga,  
 Mas apoz os sorrisos — nos esmaga,  
 E foge qual ondina.

Porto Alegre — 1873

Sei que custa, e só sabe quem um dia  
 Inclinou-se ante a imagem que irradia,  
 Falsaria corteza ! . . .  
 Na estrada poeirenta do proscripto,  
 Se alguem lhe escuta o derradeiro grito  
 Gargalha a turba vã.

1 Recitada na sessão em que foi inaugurado o busto do finado Felipe Nery.



Quando, immersa em soismar, — a alma ia vent  
 Em divinaes arroubos se levanta  
 Das lettras do prosenio ; —  
 Em redor do pedestal ingente  
 A inveja rómordida, ao vélo; espanta,  
 E cospe até um Senio !

Fatal ebriedade, — a História triste  
 A tua sim, o pallida crinica  
 Que te fizeste monge ;  
 O pezado humil e pobre, e ingiste ;  
 Desprendendo as roupagens da esperança,  
 Tu foste chorar longe !

Ajém, do mar nas fuscas profundezas,  
 Apoz ferir as plantas sobre o cardo,  
 Um vulto desaparece ;  
 E mais além — o anjo das tristezas  
 Aponta os manes do exilado ardo  
 A' patria que se esquece. Porto Alegre — 1873.

Mas não é tudo... caminemos inda...  
 Azevedo onde está ?  
 No azulado sendal da patria — o astro  
 Aspergendo fagulhas pelo rastro  
 No occaso rolou já.

Depois, suarenta a face, o olhar tristonho  
 Casimiro soluça :  
 Vibrando a harpa melodia etherea,  
 Da desventura rola á cruz funerea,  
 No tumulto debruça !

Caminemos ainda, ali um anjo  
 Sumio-se em densas brumas...  
 Castro Alves — o genio das chimeras,  
 Tomba — ave do céu em primaveras,  
 E mancha as niveas plumas !

Ai que historia tão agra ! Afonso Marques  
 Tambem decahe em fim ;  
 Na madrugada rosicler de amores,  
 Embalsamada a fronte de candores,  
 Que sina, ó Deus, assim !

Que sina, Chénier, ó Dante, ó Tasso,  
 Missionarios da idéa !

.....  
 Porém um dia — o esquecimento passa,  
 A multidão em jubilos se enlaça,  
 E sóa uma epopéa !

Do Maranhão no portico sublime  
 Uma estatua se eleva ;  
 Camões — em Portugal divo campeia,  
 Colombo — olhando os mares lá pompeia,  
 Surgem bustos da treva!

Assim, nos penetraes da deusa excelsa,  
 Felipe Nery assoma;  
 A mocidade levantou-lhe um sólio,  
 Como aos deuses no vasto Capitolio  
 A prisa; immortal Roma!

HILARIO RIBEIRO.

Porto Alegre — 1873.

A patria das escuras profundezas,  
 E mais alem — o arto das tristezas  
 A porta de mar nas lizes profundezas,  
 Apor larir as pintas sobre o carido,  
 Um vulto desappare;

No occaso tocou já  
 Aspergido fegillias pelo rastro  
 No azulado senhal da patria — o astro  
 Azevedo onde está?  
 Mas não é tudo... caminhemos inda...

No tumulo debrucei  
 Da deventura tola a cruz funerea;  
 Vibrando a harpa melódica etherea,  
 Casimiro soluça:  
 Depois, sorranta a face, o olhar tristionho

E mancha as niveas plumas!  
 Tomba — ave do céu em primavera,  
 Castro Alves — o genio das chimetas,  
 Sumio-se em densas plumas...  
 Caminhemos inda, em um arto

Que sina, ó Deus, assim!  
 Embalsamada a fronte de candores,  
 Na madrugada rosicler de amores,  
 Também decahe em fim;  
 A que historia tão azar! Affonso Marques

Missionarios da idéa!  
 Que sina, Chénier, o Dante o Tasso,

E sóa uma epopeia!  
 A multidão em jubilos se enlaça,  
 Porém um dia — o espedecimento passa